



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

AMANDA CÁSSIA DE MEDEIROS

A CONSTRUÇÃO *TER PRA MIM* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO
– PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS –

BRASÍLIA
2017

AMANDA CÁSSIA DE MEDEIROS

**A CONSTRUÇÃO *TER PRA MIM* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO
– PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS –**

Monografia apresentada à disciplina Seminário do Português como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Marcus Vinicius Lunguinho

**BRASÍLIA
2017**

AGRADECIMENTOS

A Deus e a todos os eventos que me proporcionaram chegar até aqui.

À minha família – meu pai, minha mãe e meu irmão – pelo apoio a mim dado e pela confiança em minhas escolhas profissionais. Ela é minha base e fortaleza.

Ao meu namorado, Lucas Pereira, por ter me ajudado a escrever o *abstract* deste trabalho e, principalmente, por todo o apoio e incentivo dados durante este processo. Obrigada por sempre acreditar em meus potenciais e me inspirar a ser uma pessoa melhor.

Aos meus amigos que, de maneira muito solícita, ajudaram-me nesta pesquisa, seja contribuindo com os testes de gramaticalidade, seja no incentivo diário a seguir em frente. Agradeço, sobretudo, a Nathielen Fernandes por ter estado comigo durante todo este processo de pesquisa, de escrita, além de todos os trâmites da UnB. O apoio que demos uma à outra foi fundamental.

Aos professores que tive desde o ensino básico até aqui, que me mostraram o poder emancipatório que a educação pode ter. Agradeço, principalmente, a Marcus Lunguinho, orientador desta pesquisa, por toda atenção, auxílio, orientação e suporte dados aqui.

Dedico este trabalho aos meus pais.

RESUMO

Neste trabalho, estudamos a construção *ter pra mim* em português brasileiro, buscando resposta para quatro questões: 1) Qual a semelhança existente entre os tempos verbais aceitáveis no verbo *ter*? 2) O constituinte [*pra mim*] é um argumento do verbo *ter*? 3) Se sim, qual o seu papel temático? 4) Quais as semelhanças e as diferenças encontradas entre as construções *ter pra mim* e *me parece / parece-me*? Para isso, partimos de uma descrição de seu uso, baseada em testes de gramaticalidade feitos com falantes do português brasileiro, sobretudo com aqueles cujo dialeto é o da região Nordeste, dialeto esse em que, na nossa opinião, há maior ocorrência da construção em estudo. Depois, apresentamos o quadro teórico que servirá para nossa análise, qual seja, a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), com enfoque na estrutura argumental e na teoria temática. Do ponto de vista semântico, a construção *ter pra mim* é usada com sentido de ponto de vista do falante. Do ponto de vista sintático, essa construção apresenta algumas restrições em relação: a) à ordem dos constituintes, que deve ser fixa; b) à seleção do sujeito do verbo *ter*, que é sempre de 1ª pessoa do singular; e c) ao tempo do verbo *ter*, o qual só pode aparecer no presente do indicativo, no pretérito imperfeito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo. Esses três tempos apresentam uma relação aspectual, uma vez que todos eles têm valor imperfectivo. Além disso, no que se refere às propriedades do verbo *ter* que integra a estrutura da construção *ter pra mim*, esse verbo seleciona três argumentos: um argumento externo [*eu*], um argumento interno oracional introduzido pelo complementador *que* e outro argumento interno, o PP [*pra mim*]. Com base no estudo de Petersen (2016), argumentamos que o constituinte [*pra mim*] é um argumento do verbo *ter* e recebe desse verbo o papel temático de experienciador. Por fim, percebendo uma relação existente entre a construção *ter pra mim* e *me parece / parece-me*, fizemos uma comparação entre essas duas construções, buscando apontar suas semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: *ter pra mim*. Ponto de vista. Imperfectividade. Experienciador.

ABSTRACT

The main aim of this study is to present an analysis to the construction *ter pra mim* (literally: “to have to me”) in Brazilian Portuguese. With this investigation, we want to answer four questions: 1) What are the similarities between the acceptable tenses of the verb *ter*?; 2) Is the constituent [*para mim*] an argument of *ter*?; 3) If it is, what is its thematic role?; 4) What are the differences and the similarities between *ter pra mim* and *me parece / parece-me* (literally: “me seems” / “seems me”)? For this purpose, it was firstly made a description of its usage based on grammaticality judgments with Brazilian Portuguese speakers, especially with the ones from the Northeast Region of Brazil, where this construction is mostly used, in our opinion. Then, it was presented the theoretical framework in which we develop the analysis, namely, the Principles and Parameters Theory (Chomsky, 1981), specially the notions of argument structure and thematic theory. From a semantic point of view, the construction *ter pra mim* is used to convey the speaker’s point of view. From a syntactic point of view there are some constraints on this construction: a) the order of constituents is fixed; b) the subject of *ter* must be 1st person singular, and c) *ter* inflects only for indicative present, indicative past imperfective and subjunctive past imperfective. These three tenses share an aspectual property: all of them are associated with an imperfective value. As for the properties of *ter*, which is part of the structure of the construction *ter pra mim*, this verb selects for an external argument [*eu*], an internal argument introduced by the complementizer *que*, and a second internal argument, the PP [*pra mim*]. Based on Petersen’s (2016) work, we argue that [*pra mim*] is an argument of the verb *ter*, and it is assigned an experiencer theta role by this verb. Finally, given the relationship between the constructions *ter pra mim* and *me parece / parece-me*, we compared them pointing out their similarities and differences.

Key words: *ter pra mim*. Point of view. Imperfectivity. Experiencer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. PROPRIEDADES DA CONSTRUÇÃO TER PRA MIM.....	11
1.1 Valor semântico da construção.....	11
1.2 Restrições que afetam construção <i>ter pra mim</i>.....	12
1.2.1 Sujeito único.....	12
1.2.2 Ordem de constituintes.....	14
1.2.3 Flexões do verbo <i>ter</i>	14
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS:	
SELEÇÃO ARGUMENTAL E PAPÉIS TEMÁTICOS.....	17
2.1 A Teoria Gerativa.....	17
2.2 A estrutura argumental dos predicados.....	19
2.2.1 Sintaxe: produzindo os sintagmas das línguas.....	19
2.2.2 Núcleos sintáticos: os núcleos lexicais e os núcleos funcionais.....	21
2.2.3 A natureza dos argumentos: o argumento interno e o argumento externo	24
2.2.4 Papéis temáticos.....	25
3. PARA UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO TER PRA MIM.....	27
3.1 A restrição flexional do verbo <i>ter</i>.....	27
3.2 A estrutura argumental do verbo <i>ter</i>	31
3.3 O papel temático do constituinte [<i>pra mim</i>].....	32
3.4 Semelhanças e diferenças entre a construção <i>ter pra mim</i>	
e a construção <i>me parece / parece-me</i>.....	35
3.4.1 Semelhanças entre <i>ter pra mim</i> e <i>me parece / parece-me</i>	35
3.4.2 Diferenças entre <i>ter pra mim</i> e <i>me parece / parece-me</i>	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

O verbo *ter* é usado no português brasileiro em uma variedade de construções e com diversos significados, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

- (1) a. Eu *tenho* três carros.
 b. Essa casa *tem* três quartos.
 c. *Tivemos* muita pena de Maria.
 d. Maria já *tem* treze anos de idade.
 e. Ana *terá* gêmeos neste mês.
 f. *Tem* dois alunos fora de sala.
 g. Ela *tinha* João como irmão.
 h. Eu *tinha* pra mim que hoje seria o dia do pagamento.

Os exemplos em (1) trazem alguns dos sentidos associados ao verbo *ter* no português brasileiro. Em (1a), esse verbo exhibe o seu significado mais comum, qual seja, o de posse. Em (1b), ele veicula um sentido de parte-todo. Em (1c), esse verbo denota a experiência de um sentimento. Em (1d), *ter* apresenta o significado de “estar na idade de”. Em (1e), esse verbo tem o significado de “dar à luz”. Em (1f), seu sentido é o de “haver”, “existir”. Em (1g), *ter* significa “apreciar”, “considerar”, “estimar”. Finalmente, em (1h), o verbo *ter* se associa a um sentido que estamos denominando expressão do ponto de vista do falante. Ainda há outras estruturas em que esse verbo aparece, mas a que nos interessa neste trabalho é a última: a construção *ter pra mim*.

O presente estudo se propõe a entender como funciona a construção *ter pra mim* no português brasileiro. Dessa forma, objetivamos:

- a) descrever a construção *ter pra mim*, tomando como base testes gramaticais feitos com falantes do português brasileiro, sobretudo falantes da região Nordeste, em que há uma maior ocorrência dessa construção, e
 b) analisar a construção *ter pra mim* de acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981).

A partir do estudo dessa construção, com base nesse quadro teórico, consideramos que poderemos contribuir para o entendimento de uma das propriedades sintáticas do português brasileiro.

Esta monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro, apresentamos uma descrição da construção em estudo, mostrando suas principais características, tais como seu valor semântico e suas restrições de uso.

No segundo capítulo, trazemos o aparato teórico que nos ajudará a analisar os dados, especialmente as noções de estrutura argumental e de papéis temáticos, segundo Lopes, Mioto e Silva (2007). Com esses dois capítulos, estabelecemos uma base teórica e empírica que nos ajudará a responder às seguintes questões que norteiam esta pesquisa:

- 1) Qual a semelhança existente entre os tempos verbais aceitáveis no verbo *ter* na construção *ter pra mim*?
- 2) O termo *pra mim* é um argumento do verbo *ter*? Se sim, qual o seu papel temático?
- 3) Quais as semelhanças e as diferenças encontradas entre a construção *ter pra mim* e a construção *me parece / parece-me*?

Estas perguntas serão respondidas no terceiro e último capítulo deste trabalho, que será um espaço em que faremos uma análise sintática e semântica dos dados.

Ao final, seguirão as considerações finais, nas quais serão respondidas as questões de pesquisa e serão apresentados os desdobramentos que esse tema pode vir a tomar no futuro.

CAPÍTULO I

Propriedades da construção *ter pra mim*

Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma descrição de algumas propriedades da construção *ter pra mim*, objeto de estudo desta pesquisa, tal como é usada mais recorrentemente no dialeto da região Nordeste do Brasil¹. O capítulo se organiza em duas seções. Na primeira, descrevemos o valor semântico associado à construção *ter pra mim*. Na segunda, apontamos três restrições que afetam essa construção: uma restrição quanto ao sujeito, uma restrição quanto à ordem dos constituintes e uma restrição quanto à flexão do verbo *ter*.

1.1 Valor semântico da construção em estudo

Usada normalmente em situações informais de comunicação, a expressão *ter pra mim* carrega um valor que estamos denominando de ponto de vista do falante. É possível entender esse valor semântico a partir dos exemplos em (1):

- (1) a. Eu tenho pra mim que hoje vai chover.
 b. Eu tinha pra mim que hoje ia / iria chover.
 c. Se eu tivesse pra mim que hoje ia / iria chover, não teria / tinha saído de casa sem o guarda-chuva.

Com as sentenças em (1), o falante expressa sua percepção acerca da possibilidade ou não de chuva. Essa percepção é resultado de informações que o falante tem ou que ele consegue obter da situação ou do ambiente em que se encontra (como, por exemplo, as condições climáticas em determinado momento). A partir dessas informações, é possível que ele diga, ou deduza, que vai chover em (1a), ou que ia / iria chover em (1b). Em (1c), há

¹ Apesar de essa construção ser recorrente na região Nordeste do Brasil, também observamos seu uso em outras regiões do país.

também uma noção de ponto de vista, já que o que se entende é que, se o falante acreditasse que ia / iria chover, ele não teria saído de casa.

Os exemplos a seguir mostram uma certa semelhança semântica entre a construção *ter pra mim*, em (1a) e em (1b), e a construção *parecer-me*, além de uma relação entre *ter pra mim* em (1c) com o verbo *saber*.

(2) a. Parece-me que vai chover hoje.

b. Parecia-me que ia / iria chover hoje.

(3) Se eu soubesse que hoje ia/ iria chover, não teria saído de casa sem o guarda-chuva.

A equivalência dos exemplos (1a) e (1b) com os exemplos em (2), de um lado, e do exemplo (1c) com (3), do outro, justifica-se na medida em que todos os exemplos considerados veiculam um ponto de vista do falante. O falante, ao que parece, precisa acessar sua consciência, seu saber ou suas crenças para fazer as afirmações em (1), (2) e (3). Isso tem relação com o fato de o verbo *ter* ter como sujeito um pronome de 1ª pessoa do singular. Tal fato nos leva a perguntar se o verbo *ter* na expressão *ter pra mim* aceita outro tipo de sujeito. Essa pergunta será respondida na próxima seção, em que tratarei das restrições que atuam sobre a construção em estudo.

1.2 Restrições que afetam a construção *ter pra mim*

Ao fazer testes de gramaticalidade com falantes nativos da língua portuguesa, foram percebidas algumas restrições quanto ao uso da construção *ter pra mim*. Encontramos restrições em relação ao sujeito do verbo *ter*, à ordem das palavras da expressão *ter pra mim* e ao tempo do verbo *ter*.

1.2.1 Sujeito único

No que tange ao sujeito do verbo *ter*, a construção *ter pra mim* aceita um único tipo de sujeito, qual seja, um sujeito na 1ª pessoa do singular, seja ele manifesto ou não.

- (4) a. Eu tenho pra mim que as coisas vão melhorar
 b. Tenho pra mim que as coisas vão melhorar.
 c. *Tu tens pra ti que as coisas vão melhorar.
 d. *A gente tem pra gente que as coisas vão melhorar.
 e. *Você tem pra você que as coisas vão melhorar.
 f. *Ele tem pra ele que as coisas vão melhorar.
 g. *Ela tem pra ela que as coisas vão melhorar.
 h. *Nós temos pra nós que as coisas vão melhorar.
 i. *Vós tendes pra vós que as coisas vão melhorar.
 j. *Eles têm pra eles que as coisas vão melhorar.
 k. *Elas têm pra elas que as coisas vão melhorar.
 l. *Maria tem pra ela que as coisas vão melhorar.

Esses dados comprovam o que foi dito acima sobre a restrição do sujeito do verbo *ter*, na construção *ter pra mim*: esse verbo só aceita sujeitos na 1ª primeira pessoa do singular, manifesto ou não manifesto (um pronome nulo *pro*_{1ª pessoa}).

A partir da agramaticalidade dos demais sujeitos presentes em (4), proponho que o fato de o sujeito de *ter pra mim* ser sempre uma 1ª pessoa do singular tem relação direta com a semântica dessa construção, qual seja, a de servir como expressão do ponto de vista do falante. Levando isso em conta, esperaríamos que um sujeito na 1ª pessoa do plural também fosse possível, contudo, esse sujeito não é aceitável para os falantes. De maneira interessante, cabe a interpretação de que a construção *ter pra mim* veicula algo realmente particular de uma 1ª pessoa, a pessoa que fala. Essa individualidade, comprovada pela aceitação apenas de *eu* como sujeito da expressão *ter pra mim*, potencializa a noção de que é o interlocutor quem produz a sentença, sendo ele o responsável pela fala. Observemos, por exemplo, o diálogo abaixo:

(5) Situação: O João conversa com a Maria sobre a Ana

João: Maria, eu tinha pra mim que Ana ia passar / passaria de ano.

Maria: Eu também, João.

A partir desse diálogo, entendemos que, mesmo a Maria concordando com o João a respeito de a Ana passar de ano, não é possível que se use uma sentença como (6):

(6) *Nós tínhamos pra nós que a Ana passaria de ano.

Isso evidencia o caráter de individualidade e de particularidade do ponto de vista do falante, que parece acessar sua consciência, seu conhecimento de mundo, suas crenças para elaborar sentenças com a forma *ter pra mim*. Nós não podemos dizer que o João, levando em conta seu caráter de indivíduo, pensa exatamente como a Maria, apesar de eles concordarem. Cada ser humano tem um conjunto próprio de informações, crenças e pontos de vista que não é exatamente o mesmo de outra pessoa.

1.2.2 Ordem de constituintes

Quando se fala na ordem dos constituintes na construção *ter pra mim*, pode-se observar também uma restrição como os exemplos abaixo ilustram:

- (7) a. Eu tenho pra mim que a festa vai ser boa.
 b. *Pra mim, eu tenho que a festa vai ser boa.
 c. #Eu tenho que a festa vai ser boa pra mim.

Os dados apresentados acima nos mostram que a construção *ter pra mim* é mais restrita do que pensávamos. Se quisermos topicalizar o constituinte *pra mim*, no intuito de evidenciar o *eu*, ou o modo de ver do falante, o resultado é agramatical, como se vê em (6b).

Além disso, observando o período (7c), notamos que é uma construção gramatical, porém com um sentido diferente do encontrado na do *ter pra mim*. Vemos em (7a) que o emissor da fala acredita que a festa, no geral, vai ser boa. Já em (7c), entendemos que o emissor acredita que a festa será boa para ele próprio.

Com base nos exemplos analisados, podemos chegar a uma conclusão de que essa expressão se caracteriza por ter uma ordem fixa, já que obedece ao padrão abaixo:

(8) Ordem dos constituintes da construção *ter pra mim* (a ser revista)

eu / *pro*_{1^a pessoa} – ter – pra mim – que ...

1.2.3 Flexões do verbo *ter*

No que se refere aos tempos verbais permitidos na construção *ter pra mim*, observam-se também algumas restrições:

- (9) a. Eu *tenho* pra mim que ela vai vencer a eleição.
 b. *Eu *tive* pra mim que ela ia vencer a eleição.
 c. Eu *tinha* pra mim que ela ia / iria vencer a eleição.
 d. *Eu *tivera* pra mim que ela ia vencer a eleição.
 e. *Eu *tere* pra mim que ela vai vencer a eleição.
 f. *Eu *teria* pra mim que ela iria vencer a eleição.
 g. *Que eu *tenha* pra mim que ela vai vencer a eleição.
 h. Se eu *tivesse* pra mim que ela ia vencer / iria vencer / venceria a eleição, tinha / teria comemorado antes.
 i. *Quando eu *tiver* pra mim que ela vai vencer a eleição, começo a comemorar.

Na estrutura *ter pra mim*, o verbo *ter* só pode aparecer flexionado no presente simples do indicativo, no pretérito imperfeito do indicativo ou no pretérito imperfeito do subjuntivo². Podemos acrescentar as informações relativas às restrições quanto aos tempos verbais ao esquema (8) e propor um esquema mais completo para a construção *ter pra mim*:

(10) Ordem dos constituintes da construção *ter pra mim* (revista)

eu / *pro*_{1ª PESSOA} – ter $\left(\begin{array}{l} \text{PRESENTE DO INDICATIVO} \\ \text{PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO} \\ \text{PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO} \end{array} \right)$ – pra mim – que ...

O fato de o verbo *ter* aceitar apenas três tempos verbais – presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo – nos leva a questionar o que eles têm em comum. Essa questão será respondida em detalhes no Capítulo 3 desta monografia.

O Quadro abaixo traz um resumo com as informações mais relevantes apresentadas até agora a respeito da construção *ter pra mim*:

² O modo imperativo não foi acrescentado nos dados (6), uma vez que a expressão *ter pra mim* somente aceita a primeira pessoa do singular e, para esta pessoa, não há a possibilidade da construção com o modo imperativo.

Quadro 1: Propriedades da construção *ter pra mim*

Construção <i>ter pra mim</i>	
Valor semântico	Ponto de vista do falante
Sujeito do verbo <i>ter</i>	1ª pessoa do singular - sujeito manifesto: eu - sujeito nulo: <i>pro</i> _{1ª pessoa}
Ordem dos constituintes	eu / <i>pro</i> _{1ª pessoa} – ter – pra mim – que ...
Flexão do verbo <i>ter</i>	presente do indicativo pretérito imperfeito do indicativo pretérito imperfeito do subjuntivo

Fonte: Elaboração da autora

Conclusões preliminares

Neste capítulo, descrevemos as propriedades da construção *ter pra mim*, objeto de estudo desta pesquisa. Observamos que essa construção está associada a um valor semântico de ponto de vista do falante, característica que é reforçada pela restrição quanto ao sujeito do verbo *ter*, restrição essa que exige que seja usada a 1ª pessoa do singular (manifesta ou nula). Além disso, outras duas restrições foram apresentadas. Em relação à ordem dos constituintes, a construção *ter pra mim* apresenta ordem fixa. No que se refere ao tempo do verbo *ter*, notamos que esse verbo só aceita três flexões: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo.

No capítulo seguinte, trataremos de seleção argumental e de papéis temáticos, informações que serão úteis para nossa análise.

CAPÍTULO II

Pressupostos teóricos: seleção argumental e papéis temáticos

Introdução

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que servirão de base para a análise que faremos da construção *ter pra mim*. O capítulo se estrutura em duas seções. Na primeira, damos uma visão geral da Teoria Gerativa. Na segunda, abordamos a distinção entre núcleo lexical e núcleo funcional, a proposta de estrutura / seleção argumental e a noção de papéis temáticos, informações importantes para a análise que desenvolveremos acerca da construção *ter pra mim*.

2.1 A Teoria Gerativa

Proposta por Noam Chomsky, na década de 1950, a Teoria Gerativa surge com a publicação da obra *Syntactic Structures* (CHOMSKY, 1957). Segundo Essa teoria, os seres humanos são os únicos dotados de uma Faculdade da Linguagem, uma capacidade inata de adquirir uma língua, desde que expostos a dados. A Faculdade da Linguagem é entendida como resultado de uma dotação genética e essa forma de ver a linguagem acabou por colocar a Linguística no campo das ciências naturais e biológicas.

Dissemos que os humanos têm uma capacidade inata para adquirir língua. Isso é o que se denomina inatismo. Não se trata de uma noção recente. O filósofo Platão já havia proposto que os seres humanos têm uma capacidade inata, intrínseca de adquirir e desenvolver conhecimentos. Chomsky retomou essa ideia e entendeu que assim também deveria ocorrer com o conhecimento acerca das propriedades da linguagem: os seres humanos já nascem predispostos para a linguagem. A existência dessa Faculdade da Linguagem permite que uma criança, diante de um número muito pequeno de dados linguísticos a que é exposta, consiga desenvolver um conhecimento complexo das propriedades gramaticais de uma língua.

Esta concepção inatista da linguagem postula que há, na mente / cérebro dos seres humanos, um conhecimento inato que se desenvolve naturalmente nos seus primeiros anos de vida por meio do contato com a língua falada em seu ambiente linguístico. Esse conhecimento inato é chamado de Gramática Universal. Ao nascer, cada ser humano traz a sua Gramática Universal no primeiro estágio, denominado Estágio Inicial (S_0). Quando do contato dos seres humanos com a linguagem, essa Gramática Universal passa por vários estágios até chegar ao Estágio Estável (S_S), que é quando a criança já desenvolveu o conhecimento das propriedades da gramática da sua língua materna, sendo capaz de entender seu funcionamento, produzir e entender diversas sentenças.

Segundo essa perspectiva, a aquisição da linguagem se dá a partir da interação da informação genética referente à linguagem – a Gramática Universal – com os dados linguísticos presentes no ambiente social – os dados linguísticos primários –, estímulos linguísticos, aos quais a criança é exposta durante o período de aquisição da linguagem.

Como a aquisição da linguagem é um processo natural, espontâneo e sem esforço consciente por parte da criança, é possível dizer que nenhuma criança é ensinada a falar. Elas simplesmente adquirem a língua falada em seu ambiente linguístico por meio da exposição aos dados dessa língua.

A Teoria Gerativa já passou por várias reformulações. Na década de 1980, surgiu uma maneira de estudar as propriedades da linguagem humana que se denominou Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981). Segundo essa teoria, a Gramática Universal contém Princípios e Parâmetros linguísticos. Os Princípios são o conhecimento compartilhado que todos os seres humanos têm acerca das propriedades da linguagem. Em outras palavras, são um conjunto de propriedades comuns a todas as línguas humanas. Os Parâmetros são o conhecimento específico que se manifesta em algumas línguas. Dizendo de outro modo, são as especificidades, as propriedades que diferenciam uma língua de outra.

Os avanços que a Teoria de Princípios e Parâmetros trouxe para a investigação linguística fez com que se repensasse a organização da gramática. Esse trabalho de questionamento interno deu origem, na década de 1990, a um programa de investigação que ficou conhecido como Programa Minimalista. Acerca das características gerais desse programa de pesquisa, Souza (2015, p.7) afirma o seguinte:

Ele é considerado de natureza lexicalista, por apresentar a computação linguística se iniciando a partir do léxico, ou seja, os itens lexicais já prontos ou formados e selecionados do léxico, faltando apenas as operações sintáticas, a leitura fonológica e a interpretação dos traços semânticos, ao final da derivação. Assim, no início da computação, as informações semânticas são acessadas e projetadas na sintaxe, sendo esse modelo teórico considerado também, portanto, de natureza projetionista.

O Programa Minimalista é um programa de investigação que se insere em uma teoria maior – a Teoria de Princípios e Parâmetros. Por isso, mantém as ideias essenciais dessa teoria, quais sejam: a hipótese de que há uma predisposição genética humana para a linguagem, a proposta de que a Gramática Universal apresenta Princípios e Parâmetros, a ideia de que todas as produções linguísticas, em qualquer língua, são geradas a partir da interação do Léxico com um componente computacional comum a toda a espécie humana – a sintaxe. Na seção seguinte, mostraremos como se dá essa interação.

2.2 A estrutura argumental dos predicados

2.2.1 Sintaxe: produzindo os sintagmas das línguas

A fonética se ocupa da natureza física dos sons da fala humana (sua produção e sua percepção). A morfologia trata da estrutura e da formação de palavras. A semântica investiga o significado das sentenças produzidas pelos seres humanos. E a sintaxe? Qual o seu papel? A sintaxe estuda como uma sentença é construída, ou seja, como se dá a combinação de palavras para formar constituintes maiores e mais complexos.

A combinação de palavras produz uma estrutura de constituintes. Um constituinte é uma unidade sintática formada a partir da projeção de um núcleo. Essa unidade sintática é mais conhecida pelo nome de sintagma. Um sintagma é, portanto, um constituinte formado a partir de um núcleo que desempenha funções sintáticas determinadas pela natureza do seu núcleo. Dependendo do núcleo, é possível haver sintagmas nominais (unidades cujo núcleo é um substantivo), sintagmas verbais (unidades cujo núcleo é um verbo), sintagmas adjetivais (unidades cujo núcleo é um adjetivo), sintagmas preposicionais (unidades cujo núcleo é uma preposição), sintagmas adverbiais (unidades cujo núcleo é um advérbio). As abreviaturas desses sintagmas são, respectivamente: NP, VP, AdjP, PP e AdvP³.

³ Nesta monografia, vamos usar abreviaturas para os sintagmas da forma como elas são em inglês. Assim: NP = Sintagma Nominal (do inglês, *Noun Phrase*), VP = Sintagma Verbal (do inglês, *Verb Phrase*), AdjP = Sintagma Adjetival (do inglês, *Adjective Phrase*), PP = Sintagma Preposicional (do inglês, *Preposition Phrase*) e AdvP = Sintagma Adverbial (do inglês, *Adverb Phrase*).

Para formar uma sentença, não basta simplesmente pegar palavras e juntá-las de maneira aleatória. É preciso levar em consideração as informações lexicais, funcionais e gramaticais contidas nelas. Se combinarmos as palavras *dois*, *meninos*, *os*, *ruivos* segundo os padrões sintáticos da gramática do português, produziremos o sintagma [*os dois meninos ruivos*]. Se fizermos uma combinação errada dessas palavras, não formaremos um sintagma em português: uma combinação como [*ruivos dois meninos os*] não é possível no português, sendo, portanto agramatical.

Além disso, o estudo da sintaxe é importante para entender as possíveis organizações dos constituintes:

A sintaxe não se contenta em observar a ordem linear das palavras. Isto porque uma seqüência de palavras nem sempre é interpretada semanticamente da mesma maneira. Se isso acontece é porque aquela seqüência de palavras se estrutura de mais de uma forma.

(MIOTO, 2009, p.11)

Uma seqüência de palavras que se estrutura de mais de uma forma produz ambiguidade estrutural. Nesse caso, a mesma seqüência tem diferentes interpretações que derivam da forma como os constituintes estão organizados.

Assim, segundo Miotto (2009, p.10), “a sintaxe é a parte da gramática que estuda como é que combinamos palavras para formar sintagmas, como combinamos sintagmas para formar sentenças e como combinamos sentenças para formar sentenças complexas”. Essa combinação, como dito anteriormente, não pode ocorrer de forma aleatória, mas de acordo com as regras estruturais da língua. Em outras palavras, para formar sentenças, devemos levar em consideração as informações lexicais, funcionais e gramaticais. A esse respeito, Miotto (2009, p.26) traz o seguinte exemplo:

(1) A menina abraçou o menino.

Segundo o autor, essa sentença apresenta:

- a) informações lexicais: “*menina* é nome, *abraçou* é verbo, *menino* é nome, etc.”;
- b) informações semânticas: “*menina* e *menino* têm como referentes um ente no mundo [+humano, +jovem, ±macho, etc]; *abraçar* enuncia uma cena em que alguém envolve alguém com os dois braços, etc.” e

- c) informações gramaticais: “*a* concorda com *menina* em gênero e número; o verbo *abraçar* concorda com o sintagma *a menina*, etc.”

Há assim que se levar em conta os núcleos sintáticos – tanto os lexicais como os funcionais. Esses núcleos têm papel fundamental na organização dos sintagmas, uma vez que as propriedades dos sintagmas são determinadas por eles. É o núcleo, por exemplo, que identifica um sintagma, que vai mostrar as relações que se estabelecem dentro desse sintagma e que vai dizer se esse sintagma precisa de complementos ou não. Trataremos desses núcleos com mais detalhes na próxima seção.

2.2.2 Núcleos sintáticos: os núcleos lexicais e os núcleos funcionais

Um núcleo sintático pode ser um núcleo lexical ou um núcleo funcional. Acerca dos núcleos lexicais, Souza (2015, p.13) traz a seguinte afirmação:

Os núcleos lexicais são definidos pela combinação de dois traços essenciais e distintivos: [\pm Nome] e [\pm Verbo]. Esses traços combinados geram as categorias: A (adjetivo) que é a combinação de [+V] e [+N]; V (verbo), com os traços [+V] e [-N]; a categoria N (nome), com os traços [-V], [+N]; e a categoria P (preposição), com os traços [-N] e [-V].

Os núcleos lexicais têm a possibilidade de selecionar outros constituintes para completar-lhe o sentido. Nesse caso, os constituintes selecionados por um núcleo lexical são denominados argumentos. Trazendo essa discussão para o domínio dos núcleos lexicais verbais, nem todos eles se comportam da mesma forma. Enquanto alguns verbos selecionam argumento(s), outros não selecionam argumento algum. Ilustremos essa afirmação com os dados abaixo:

- (2) a. Choveu no mês de novembro.
 b. O João trabalha muito.
 c. A minha vizinha comprou um apartamento.
 d. Todos concordaram com a proposta.
 e. A Maria entregou o prêmio ao vencedor.

Observando os exemplos, podemos entender melhor como os núcleos lexicais se organizam quanto à seleção argumental. Em (2a), o verbo *chover* não exige a presença de

nenhum argumento. Em (2b), o verbo *trabalhar* seleciona um argumento, o constituinte [*o João*]. Em (2c) e em (2d), os verbos *comprar* e *concordar* selecionam dois argumentos cada um, sendo [*a minha vizinha*] e [*um apartamento*] os argumentos de *comprar* e [*todos*] e [*com a proposta*] os argumentos de *concordar*. Em (2e), o verbo *entregar* seleciona três argumentos, que são [*a Maria*], [*o prêmio*] e [*ao vencedor*].

Os verbos dos exemplos em (2) ilustram diferentes possibilidades de seleção. Essas possibilidades são organizadas em um esquema que se denomina estrutura argumental:

- (3) a. *chover*: zero argumento
 b. *trabalhar*: um argumento – verbo monoargumental
 c. *comprar*: dois argumentos – verbo biargumental
 d. *concordar*: dois argumentos – verbo biargumental
 e. *entregar*: três argumentos – verbo triargumental

Os núcleos lexicais, ao selecionar argumento(s), selecionam desse(s) argumento(s) dois tipos de informações. Uma dessas informações tem a ver com a forma como esses argumentos se realizam. Por exemplo, embora os verbos *comprar* e *concordar* selecionem o mesmo número de argumentos, eles diferem em relação ao seu complemento: enquanto o verbo *comprar* seleciona um complemento direto, o verbo *concordar* seleciona um complemento indireto. Caso essa seleção seja alterada, o resultado será uma sentença agramatical, como vemos nos exemplos a seguir:

- (4) a. A minha vizinha comprou [um apartamento].
 b. *A minha vizinha comprou [de / para / com um apartamento].
- (5) a. Todos concordaram [com a proposta].
 b. *Todos concordaram [a proposta].

Esse tipo de seleção que se relaciona com a forma do(s) argumento(s) selecionado(s) por um núcleo lexical se chama seleção categorial ou c-seleção.

Além da c-seleção, um núcleo lexical seleciona do(s) seu(s) argumento(s) certas informações semânticas para com ele poder se combinar. Ilustremos essa afirmação mais uma vez com o verbo *comprar*. Em (2c), esse verbo seleciona dois argumentos: [*a minha vizinha*] e [*um apartamento*]. Dada a interpretação do verbo *comprar*, o argumento que desempenha a

função sintática de sujeito deve ter características compatíveis com o verbo *comprar*: ele deve ser caracterizado por ser um argumento [+HUMANO] para que possa executar a ação de comprar. Caso essa exigência de comprar seja alterada, o resultado é agramatical:

(6) *Um apartamento comprou uma caneta.

A oração em (6) é agramatical justamente pelo fato de não ser observada a seleção que o verbo *comprar* faz do argumento que funciona como sujeito. Esse verbo seleciona um argumento sujeito [+HUMANO], mas, quando se introduz o argumento [*um apartamento*] como sujeito de *comprar*, gera-se uma incompatibilidade porque esse argumento não apresenta a propriedade [+HUMANO] requerida por *comprar*.

Esse tipo de seleção que se tem a ver com traços semânticos do(s) argumento(s) selecionado(s) por um núcleo lexical se chama seleção semântica ou s-seleção.

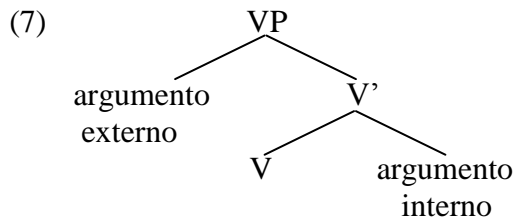
Além dos núcleos lexicais, existem os núcleos funcionais. Acerca desses núcleos, Miotto, Figueiredo Silva & Lopes (2007) afirmam que há três núcleos funcionais. Um deles é a Flexão verbal (I), núcleo que define uma sentença. Outro núcleo é o Complementizador (C), núcleo que permite o encaixe de uma sentença em outra. O terceiro núcleo funcional é o Determinante (D), núcleo que opera sobre o nome para permitir que ele funcione como argumento.

Da mesma forma que os núcleos lexicais, os núcleos funcionais selecionam argumento, levando em conta apenas a categoria à qual esse argumento deve pertencer. Em outras palavras, os núcleos funcionais c-selecionam a categoria do seu argumento. Como exemplo, podemos falar da flexão verbal (modo-temporal e número-pessoal), que vai c-selecionar um VP, um sintagma da categoria de verbo, como complemento.

Diferentemente dos núcleos lexicais, os núcleos funcionais não exigem determinadas propriedades de seu complemento. Exemplifiquemos isso com a flexão verbal, mais uma vez. A flexão verbal se aplica a qualquer verbo da língua sem fazer distinção entre tipos semânticos de verbos.

2.2.3 A natureza dos argumentos: o argumento interno e o argumento externo

Já vimos que um núcleo lexical pode selecionar argumento(s). No sintagma definido por um núcleo lexical que seleciona argumento(s), esse(s) argumento(s) pode(m) aparecer como argumento externo ou como argumento interno. Tomando a estrutura de um sintagma verbal como ilustração, a posição de cada um desses argumentos é apresentada a seguir:



Na representação acima, o argumento interno se combina com o verbo e projeta um nível intermediário V'; o argumento externo, por sua vez, combina-se com o nível intermediário e projeta o sintagma verbal (VP).

Com base nessa afirmação, podemos classificar os argumentos selecionados pelos verbos dos exemplos em (2) como abaixo:

(8)	a. <i>chover</i>	0 argumento	-----
	b. <i>trabalhar</i>	1 argumento	argumento externo: [<i>o João</i>]
	c. <i>comprar</i>	2 argumentos	argumento externo: [<i>a minha vizinha</i>] argumento interno: [<i>o apartamento</i>]
	d. <i>concordar</i>	2 argumentos	argumento externo: [<i>todos</i>] argumento interno: [<i>com a proposta</i>]
	e. <i>entregar</i>	3 argumentos	argumento externo: [<i>a Maria</i>] argumento interno: [<i>o prêmio</i>] argumento interno: [<i>ao vencedor</i>]

O argumento externo de um verbo é o argumento que desempenha a função sintática de sujeito e o(s) argumento(s) interno(s) desempenha(m), em geral, a função de complemento – objeto direto e indireto.

2.2.4 Papéis temáticos

Como vimos, um núcleo lexical pode selecionar argumento(s) para poder completar seu sentido. Quando seleciona argumento(s), esse(s) constituinte(s) desempenha(m) uma função semântica na cena descrita pelo núcleo lexical que o(s) selecionou. Essa função semântica é chamada de papel temático. Vejamos essa noção de papel temático a partir do exemplo (9), já mencionado:

(9) A Maria vendeu uma casa.

Nessa oração, o verbo *vender*, como núcleo lexical, seleciona dois argumentos: [*a Maria*] e [*uma casa*]. Na cena descrita por *vender*, o constituinte [*a Maria*] desempenha o papel temático de agente, que corresponde à pessoa que vendeu algo, enquanto o constituinte [*uma casa*] desempenha o papel temático de tema / paciente, que se relaciona àquilo que foi vendido.

Identificar e distribuir corretamente os papéis temáticos é muito importante para a boa formação de sentenças. De acordo como Miotto, Figueiredo Silva & Lopes (2007), a Teoria dos Papéis Temáticos (ou Teoria θ) trata dos papéis temáticos, dos receptores desses papéis, da forma esses papéis são atribuídos e do princípio que regula a atribuição de papéis temáticos.

A respeito dos papéis temáticos, eles são definidos como funções semânticas, como Agente/Causativo, Paciente/Tema, Experienciador, Benefactivo, Locativo, entre outros.

Os papéis temáticos são atribuídos aos argumentos s-selecionados por um núcleo lexical: nome, verbo, adjetivo e preposição.

O princípio que regula a atribuição de papéis temáticos aos argumentos se chama Critério Temático:

(10) Critério θ

- (i) Cada argumento tem que receber um e um só papel θ ;
- (ii) Cada papel θ tem que ser atribuído a um e um só argumento

(Miotto, Figueiredo Silva & Lopes, 2007, p.140)

Para ilustrar a aplicação do Critério θ , os autores apresentam os seguintes exemplos:

- (11) a. *Quem a Maria viu o João?
 b. *A Maria viu.

As duas orações são agramaticais por violações ao Critério θ . A oração (11a) é agramatical porque ao argumento representado por *quem* não se atribuiu nenhum papel temático, já que o verbo *ver* tem apenas dois papéis temáticos para atribuir: experienciador, que foi atribuído ao constituinte [*a Maria*], e tema, que foi atribuído ao constituinte [*o João*]. Como há um argumento que está na oração, mas não recebeu papel temático, viola-se a cláusula (i) do Critério θ , o que a torna agramatical.

Fora de um contexto, a oração (11b) é agramatical porque, o verbo *ver* tem dois papéis temáticos para atribuir, mas só atribuiu um deles: o de experienciador. O papel temático de tema não foi atribuído e isso viola a cláusula (ii) do Critério θ , o que faz a oração ser agramatical.

Em resumo, duas situações contribuem para a agramaticalidade de uma sentença segundo o Critério θ : a) deixar argumentos “sobrando”, sem um papel temático atribuído e b) não selecionar todos os argumentos exigidos pelo núcleo lexical.

Conclusões preliminares

Neste Capítulo, apresentamos o quadro teórico em que nosso estudo se insere: a Teoria de Princípios e Parâmetros. Após descrever brevemente os pressupostos dessa teoria, tratamos de três aspectos que serão importantes na nossa análise da construção *ter pra mim*: a distinção entre núcleo lexical e núcleo funcional, a proposta de estrutura / seleção argumental e a noção de papéis temáticos.

Com essas informações, estamos em condições de apresentar uma proposta de análise para o nosso objeto de estudo: a construção *ter pra mim*. Esse é tema do próximo Capítulo.

CAPÍTULO III

Para uma análise da construção *ter pra mim*

Introdução

Neste capítulo, analisamos a construção *ter pra mim*, objeto de estudo desta pesquisa. Ele se apresenta dividido em quatro seções, cada uma delas abordando um aspecto da construção aqui estudada. Na primeira seção, buscamos entender a restrição flexional que afeta o verbo *ter*. Na segunda seção, descrevemos a estrutura argumental desse verbo na construção *ter pra mim*. Na terceira seção, discutimos o papel temático do constituinte [*pra mim*]. Na quarta seção, fazemos uma análise comparativa da construção *ter pra mim* e da construção *me parece / parece-me*, apontando suas semelhanças e diferenças. Como se vê, nossa análise é orientada pelas três perguntas a que nos propomos responder e que foram apresentadas na Introdução.

3.1 A restrição flexional do verbo *ter*

No primeiro Capítulo desta monografia, identificamos três restrições que afetam a construção *ter pra mim*: uma restrição quanto ao sujeito do verbo *ter* (seção 1.2.1), uma restrição quanto à ordem dos constituintes (seção 1.2.2) e uma restrição quanto às possibilidades flexionais o verbo *ter* (seção 1.2.3). Em relação a essa última restrição, apontamos que, na construção em estudo, o verbo *ter* só pode aparecer flexionado em três tempos verbais: no presente do indicativo, no pretérito imperfeito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso levanta a seguinte questão: o que pode haver em comum entre esses tempos verbais?

A semelhança que há esses três tempos verbais tem a ver com a noção de aspecto: o presente do indicativo, o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo apresentam uma semelhança aspectual, no sentido de que eles têm valor imperfectivo.

Costa (2002, p. 21) define aspecto como “a categoria linguística que informa se o falante toma em consideração ou não a constituição interna dos fatos enunciados”. A categoria aspecto apresenta duas possibilidades: o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo. A autora assim apresenta a caracterização do aspecto perfectivo e do aspecto imperfectivo:

O fato tratado perfectivamente ocupa uma determinada posição na linha de tempo e é visto como global, como um ponto fechado, como um todo, um conjunto, do qual não interessa referir a constituição temporal interna, isto é, se ele durou um certo período de tempo ou não, se o falante quer falar só do início da sua realização, ou do meio, ou do fim; ou seja, ele não é observado quanto à sua maneira como a fração de tempo nele contida é distribuída. Já o imperfectivo expressa essa temporalidade interna, ou considerando-a como um fragmento de tempo que se desenrola (expressão da cursividade), ou selecionando fases desse tempo interno (expressão das fases inicial, intermediária ou final), ou expressando, ainda, estados resultativos que dêem relevância linguística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu.

(COSTA, 2002, p. 30)

Como se vê, o aspecto perfectivo apresenta o fato enunciado como global, sem haver marcação de temporalidade interna, enquanto que o aspecto imperfectivo apresenta o fato enunciado dotado dessa temporalidade interna. Ao comparar as orações abaixo, é possível ver com clareza essa diferença aspectual entre o perfectivo e o imperfectivo.

- (1) a. O João jogou futebol no Flamengo.
 b. O João jogava futebol no Flamengo.

Em (1a), há a descrição de um evento completo, como um todo: o João jogou futebol no Flamengo por um tempo determinado. Em (1b), por sua vez, há a descrição de um evento a partir de sua constituição temporal interna: o momento em que o João ainda era jogador de futebol pelo Flamengo. Essa oração está relacionada a uma ideia de continuidade da ação do verbo *jogar* de forma que não é possível ver um limite final para o evento descrito. Essa característica de não haver uma marca específica para o limite final de um evento é típica do aspecto imperfectivo. Assim como essa característica faz parte da interpretação do pretérito imperfecto do indicativo, ela também faz parte da interpretação do presente do indicativo:

- (2) O João joga futebol no Flamengo.

Pode-se perceber que (2), uma oração cujo verbo está no presente simples, também não expressa o limite final do evento descrito. A interpretação dessa oração é a de que o João ainda joga no Flamengo. Não se delimita o ponto final do evento descrito pelo verbo *jogar*, apresenta-se apenas a continuidade desse evento. Essa semelhança entre o presente e o pretérito imperfeito é reforçada pelo que diz Costa (2002, p.48):

Essa forma verbal [pretérito imperfeito] indica normalmente uma continuidade ou interação no passado. E muitas vezes essa continuidade ou interação se constituem em habitualidade. Na verdade, o Pretérito Imperfeito representa aquilo que se poderia chamar de o presente do passado, no sentido de que configura, em relação a fatos do passado, a mesma continuidade ou interação e, por vezes, habitualidade que o Presente tem em relação ao momento da enunciação.

Cabe acrescentar que essa aproximação dos valores do presente do indicativo e do pretérito imperfeito do indicativo tem relação com o fato de que, tanto no presente quanto no pretérito imperfeito, o Momento do Evento (ME)⁴ é simultâneo ao Momento de Referência (MR). A diferença entre esses tempos verbais está relacionada com a localização do Momento da Fala (MF), que, no presente, é simultâneo ao ME e ao MR; e, no pretérito imperfeito, é posterior ao ME e ao MR. Esquemáticamente temos a seguinte representação temporal:

(3) a. Presente: ME = MR = MF

b. Pretérito imperfeito: ME = MR > MF

Como dissemos, o que faz com que haja semelhança entre (1b) e (2) é a relação de simultaneidade entre o ME e o MR. Essa simultaneidade, no caso do pretérito imperfeito, tem como consequência, segundo Corôa (1985), “a descrição de algo ocorrendo no passado visto a partir de um referencial também no passado”. Além disso, como não há a marcação de limites nem no presente nem no pretérito imperfeito, essa ausência de limites faz com que a ação

⁴ Corôa (1985, p.41-42) assim define cada um desses três momentos temporais:

Momento do Evento (ME): é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da predicação.

Momento da Fala (MF): é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação.

Momento de Referência (MR): é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva de tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME.

descrita não acabe antes do MF. Por conta disso, apenas observando a oração (1b), não é possível saber com certeza se o João ainda joga no Flamengo ou não.

Essa simultaneidade entre o ME e o MR (que caracteriza o presente e o pretérito imperfeito do indicativo) também está presente no pretérito imperfeito do subjuntivo. Segundo Azeredo (2010, p. 364), o pretérito imperfeito do subjuntivo “representa o fato como não concluído, situando-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior ao passado (universo possível), ou ainda, relativamente a um universo hipotético num intervalo de tempo indefinido”.

Analisando o exemplo (4), é possível perceber a semelhança do pretérito imperfeito do subjuntivo com o presente e o pretérito imperfeito do indicativo.

(4) Se o João jogasse futebol no Flamengo, estaria feliz.

A forma verbal *jogasse* pode ser entendida como expressando um fato não concluído, mas um fato dotado de duração. A duração associada a essa forma verbal pode ser vista a partir da articulação do sentido das duas orações que compõem o período em (4): a felicidade do João aconteceria simultaneamente ao momento em que ele jogasse futebol no Flamengo. Ou seja, a felicidade do João está incluída na duração do evento de ele jogar no Flamengo.

Retomando os três exemplos do Capítulo 1, observamos com mais clareza o valor imperfectivo dos tempos em que se flexiona o verbo *ter* na construção *ter pra mim*:

(5) a. Eu tenho pra mim que hoje vai chover.

b. Eu tinha pra mim que hoje ia / iria chover.

c. Se eu tivesse pra mim que hoje ia / iria chover, não teria / tinha saído de casa sem o guarda-chuva.

As três flexões do verbo *ter* presentes em cada um dos exemplos acima expressam o aspecto imperfectivo, uma vez que não há marcação do limite final, mas apenas uma marca de temporalidade interna. Essa restrição que afeta o verbo *ter* se explica com base no próprio significado da construção *ter pra mim*: essa construção está associada a um ponto de vista, a uma crença do falante e, em geral, crenças e pontos de vista são constantes, não havendo, então, limites temporais definidos.

3.2 A estrutura argumental do verbo *ter*

Discutiremos agora como se organiza a estrutura argumental do ver *ter* na construção *ter pra mim*. Vejamos o exemplo a seguir:

- (6) a. Eu tenho pra mim que amanhã é feriado.
- b. *Eu tenho que amanhã é feriado.
- c. *Eu tenho pra mim.

Enquanto o exemplo (6a) é perfeitamente gramatical em português, os exemplos (6b) e (6c) não são. Esse contraste se verifica porque, em (6a), todos os argumentos selecionados por *ter* estão presentes, diferentemente do que se vê em (6b) e em (6c).

Aliando a análise desses exemplos com a discussão apresentada no Capítulo 2 sobre núcleos lexicais e núcleos funcionais, podemos tratar o verbo *ter*, na construção *ter pra mim*, como um núcleo lexical que seleciona três argumentos: um argumento externo e dois argumentos internos. Levando em conta o argumento externo desse verbo, vemos que o fato de ele ser sempre um pronome de 1ª pessoa é consequência tanto de uma seleção categorial como de uma seleção semântica. A s-seleção pode ser explicada como compatibilidade com o sentido da construção *ter pra mim*. Vimos, no Capítulo 1, que essa construção veicula um sentido de crença, de um ponto de vista, o qual é necessariamente a crença ou o ponto de vista de um falante.

O segundo argumento é o PP [*pra mim*], argumento interno. O fato de ser um PP é característica de c-seleção e o fato de haver sempre um pronome de 1ª pessoa, pode ser analisado como resultante da s-seleção.

É interessante notar que o constituinte [*pra mim*] que aparece nessa construção não é o mesmo que aparece em sentenças como (7):

- (7) a. O João entregou o livro à biblioteca pra mim.
- b. O João fez um bolo pra mim.

Como dissemos acima, o constituinte [*pra mim*] que aparece na construção *ter pra mim* é um argumento do verbo *ter*. Nos exemplos (7a) e (7b), o constituinte [*pra mim*] não é argumento dos verbos *entregar* e *fazer*. Ele é um adjunto. Além disso, a interpretação do constituinte [*pra mim*] na construção *ter pra mim* é diferente da interpretação do constituinte

[*pra mim*] que aparece nos exemplos em (7). Nesses exemplos, [*pra mim*] está associado ao papel temático de benefactivo, já que ele se refere àquele que é beneficiado pelas ações do João. No exemplo (7a), não é possível associar o constituinte [*pra mim*] da construção *ter pra mim* com o papel temático de benefactivo. Nessa construção, [*pra mim*] apresenta outro papel temático, o qual será discutido na seção a seguir.

O terceiro argumento é o CP [*que amanhã é feriado*], outro argumento interno. Esse constituinte oracional veicula o conteúdo da crença / do ponto de vista do falante. Acerca da forma desse constituinte, os dados a seguir são elucidativos:

- (8) a. Eu tenho pra mim [que a Maria virá].
 b. *Eu tenho pra mim [a Maria vir]
 b. *Eu tenho pra mim [a vinda da Maria].

Como se vê dos contrastes de gramaticalidade o argumento interno do verbo *ter* deve ser uma oração finita. Essa oração deve ser, do ponto de vista sintático, sempre um CP cujo núcleo é o complementador *que*.

3.3 O papel temático do constituinte [*pra mim*]

Foi descrito no Capítulo 1 desta monografia que, quando produzimos sentenças com a expressão *ter pra mim*, expressamos um ponto de vista, algo que o falante acredita ser verdadeiro. Além disso, como vimos na seção anterior, o verbo *ter* seleciona dois argumentos internos, sendo o constituinte [*pra mim*] um desses argumentos. Com base no Critério θ apresentado no Capítulo 2, o qual prevê que todo argumento selecionado por um núcleo lexical deve receber um, e apenas um, papel temático, é necessário saber qual o papel temático que o verbo *ter* atribui ao constituinte [*pra mim*] na construção *ter pra mim*.

Petersen (2016) tem como objetivo contribuir com o estudo sobre os papéis temáticos dos experienciadores e suas consequências. Segundo ela (2016, p. 2), “experienciadores são considerados papéis temáticos em predicados psicológicos, predicados de crença, predicados

de percepção e ainda como um argumento opcional de construções de alçamento”⁵. Ela exemplifica a afirmação com os exemplos abaixo (Petersen, 2016, p.2)⁶:

- | | |
|--|----------------------|
| (9) a. O trânsito incomoda a Ana. | (verbos psicológico) |
| b. O Pedro acredita que a Ana está em casa. | (verbo de crença) |
| c. Os transeuntes viram o terrível acidente. | (verbo de percepção) |
| d. Para ela, o João parece estar doente. | (verbo de alçamento) |

O papel temático de experienciador pode ser atribuído por um conjunto de verbos, que inclui: verbos psicológicos, verbos de crença, verbos de percepção e, ainda, verbos de alçamento. Considerando que a construção *ter pra mim* está associada a expressão de uma crença ou de um ponto de vista do falante, como se vê no exemplo a seguir:

- (10) Eu tenho pra mim que o Brasil será hexacampeão.

É possível afirmar que essa construção está associada a um papel temático de experienciador.

Uma classe de verbos que, de acordo com Petersen (2016), atribui o papel temático de experienciador é a dos verbos de alçamento. Entre os exemplos apresentados pela autora citamos os seguintes do português brasileiro (Petersen, 2016, p. 6):

- (11) a. *Os alunos parecem ao professor estar exaustos.
b. O aluno me parece estar cansado.

Da comparação dos dados, vemos que o português brasileiro não aceita que o experienciador, que é argumento do verbo de alçamento *parecer*, se realize como um PP [*ao*

⁵ No original: “Experiencers are assumed to be thematic roles in psychological predicates, belief predicates, perception predicates, and also as an optional argument of raising constructions”.

Todas as citações do trabalho de Petersen (2016) apresentadas nesta monografia foram traduzidas por mim.

⁶ Exemplos originais:

- | | |
|--|-----------------------|
| (i) a. The traffic bothers Ana. | (Psychological verbs) |
| b. Peter believes that Ana is at home. | (Belief verbs) |
| c. The transients saw the terrible accident. | (Perception verbs) |
| d. John seems to her to be sick. | (Raising verbs) |

Os exemplos acima, extraídos do trabalho de Petersen (2016), foram traduzidos e adaptados para o português por mim.

professor] imediatamente após esse verbo, mas aceita que ele se realize como um pronome oblíquo átono.

Acerca dos experienciadores que são selecionados por verbos de alçamento, a autora assim apresenta sua proposta:

Minha proposta baseia-se no pressuposto de que experienciadores em construções de alçamento são não apenas argumentos do predicado de alçamento, mas também expressam um ponto de vista para o qual uma certa afirmação é verdadeira. Esse papel pragmático pode ser gramaticalizado no que Tenny & Speas (2003) chamam projeções de ‘evidencialidade’, as quais eu argumento que podem explicar o comportamento sintático de alçamento com experienciadores em português brasileiro, e o comportamento similar também observado em outras línguas, como o francês e o italiano.⁷

(PETERSEN, 2016, p. 8)

A construção *me parece / parece-me* como vista no exemplo acima tem um sentido semelhante ao da construção *ter pra mim*: ambas veiculam um ponto de vista do falante. A citação de Petersen (2016) acima acaba por reforçar a ideia de que o constituinte [*pra mim*], na construção *ter pra mim*, recebe papel temático de experienciador. Assim como o pronome oblíquo na construção *me parece / parece-me*, o constituinte [*pra mim*] expressa um ponto de vista sobre algum assunto. Esse comportamento semântico-pragmático é explicado pela noção de evidencialidade, que segundo Bybee & Fleischmann (1995, p.4), é “uma categoria linguística que chama a atenção pelo fato de ser considerada como meio de revelação da fonte de um conteúdo proposicional, marcando também o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição”⁸.

É plausível afirmar que o constituinte [*pra mim*] se encaixa no que foi definido acima como evidencialidade, já que, na construção *ter pra mim*, há um comprometimento do falante acerca daquilo que ele afirma, pois se trata de uma crença dele, um ponto de vista dela. Isso tem relação direta com a restrição em relação ao sujeito: como foi visto no Capítulo 1, o verbo *ter*, na construção em estudo, só aceita um tipo de sujeito: um sujeito de 1ª pessoa do singular, manifesto ou nulo.

⁷ No original: “This pragmatic role may be grammaticalized in what Tenny & Speas (2003) call ‘evidentiality’ projections, which I argue can explain the syntactic behavior of raising with experiencers in Brazilian Portuguese, and the similar behavior also observed in other languages, like French and Italian”.

⁸ No original: “a linguistic category that draws attention to the fact that it is considered as a means of revealing the source of a propositional content, also marking the degree of commitment of the speaker with the truth of the proposition”.

De maneira interessante, pode-se ver que a construção *ter pra mim* e a construção *me parece / parece-me* relacionam-se de diversas formas. A fim de aprofundar essa pesquisa, exploraremos mais essa relação entre as duas construções.

3.4 Semelhanças e diferenças entre a construção *ter pra mim* e a construção *me parece / parece-me*

Nesta última seção, estudaremos um pouco mais as construções *ter pra mim* e *me parece / parece-me*, buscando apontar semelhanças e diferenças entre elas.

3.4.1 Semelhanças entre *ter pra mim* e *me parece / parece-me*

A primeira semelhança que destacamos – e que já foi discutida anteriormente – tem a ver com seu valor semântico. Essas construções expressam um ponto de vista, algo que, para o falante, é uma verdade:

- (12) a. Eu tenho pra mim que Maria vai passar de ano.
 b. Me parece / Parece-me que Maria vai passar de ano.

Para o falante, a Maria vai passar de ano. É nisso que ele acredita, baseado em eventos que presenciaram ou em evidência a que ele teve acesso. Essa questão da crença já havia sido discutida quando falamos sobre evidencialidade, segundo a proposta de Petersen (2016). Aqui podemos ver o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição.

Além disso, vimos ao descrever o trabalho de Petersen (2016) que essa evidencialidade tem muito a ver com o papel temático de experienciador. O que nos leva a apontar mais uma semelhança entre a construção *ter pra mim* e *me parece / parece-me*: em ambas as construções, há um papel temático de experienciador a ser atribuído. No caso da construção *ter pra mim*, é o constituinte [*pra mim*] que recebe esse papel temático e, no caso da construção *me parece / parece-me*, é o pronome oblíquo *me* que o recebe.

Uma outra semelhança entre a construção *ter pra mim* e *me parece / parece-me* tem a ver com o argumento experienciador. As duas construções aceitam apenas um tipo de experienciador:

- (13) a. Eu tenho pra mim que hoje foi o dia mais seco do ano.

b. *Eu me tenho que hoje foi o dia mais seco do ano.

(14) a. Me parece / Parece-me que hoje foi o dia mais seco do ano.

b. *Parece pra mim que hoje foi o dia mais seco do ano.

Observando os exemplos acima, vemos que cada uma das construções se combina apenas com um tipo de experienciador: a construção *ter pra mim* seleciona a forma *pra mim*, não admitindo a forma *me*, ao passo que a construção *me parece / parece-me* seleciona a forma *me*, não admitindo a forma *pra mim*. Em outras palavras, as construções se caracterizam por uma rigidez quanto à forma do argumento experienciador.

3.4.2 Diferenças entre *ter pra mim* e *me parece / parece-me*

Pelo que foi dito anteriormente, já é possível apontarmos uma diferença entre as construções em estudo: as sentenças (13) e (14) mostram que, apesar de as construções *ter pra mim* e *me parece / parece-me* selecionarem um argumento experienciador e de sua forma ser fixa, os experienciadores selecionados não são exatamente os mesmos: enquanto a construção *ter pra mim* seleciona a forma *pra mim*, a construção *me parece / parece-me* seleciona a forma *me*.

Além do fato de essas construções não selecionarem os mesmos experienciadores, outra diferença que se percebe tem a ver com a seleção do argumento externo: enquanto o verbo *ter* da construção *ter pra mim* seleciona um argumento externo de 1ª pessoa do singular, o verbo *parecer* não seleciona argumento externo já que se trata de um verbo de alçamento.

Uma terceira e última diferença entre as construções *ter pra mim* e *me parece / parece-me* tem relação com a c-seleção do argumento interno que recebe o papel temático de tema:

(15) a. Eu tenho pra mim [que a Ana está cansada].

b. *Eu tenho pra mim [a Ana estar cansada].

c. *Eu tenho pra mim [a Ana cansada].

(16) a. Me parece / Parece-me [que a Ana está cansada].

b. A Ana me parece / parece-me [estar cansada].

c. Ana me parece / parece-me [cansada].

Comparando os exemplos acima, vemos que a construção *ter pra mim* é mais rígida que a construção *me parece / parece-me* em relação à c-seleção do seu argumento tema. A construção *ter pra mim* c-seleciona como tema apenas uma oração finita introduzida pelo complementador *que*. Já a construção *me parece / parece-me* c-seleciona como tema três tipos de constituintes: uma oração finita, introduzida pelo complementador *que* (16a), uma oração não-finita (16b) e um sintagma adjetival (16c).

O Quadro a seguir resume as semelhanças e diferenças discutidas nesta seção:

Quadro 2: Semelhanças e diferenças entre as construções *ter pra mim* e *me parece / parece-me*

	Construções	
	<i>ter pra mim</i>	<i>me parece / parece-me</i>
Semelhanças	a) seleção de um argumento experienciador b) experienciador com forma fixa c) expressão do ponto de vista do falante	
Diferenças	a) seleção de argumento externo b) argumento experienciador PP [<i>pra mim</i>] c) argumento tema - oração finita introduzida pelo complementador <i>que</i>	a) não seleção de argumento externo (verbo de alçamento) b) argumento experienciador pronome oblíquo <i>me</i> c) argumento tema - oração finita introduzida pelo complementador <i>que</i> - oração não-finita - sintagma adjetival

Fonte: Elaboração da autora

Conclusões preliminares

Neste terceiro e último capítulo, apresentamos a nossa análise para a expressão *ter pra mim*. Essa análise se desenvolveu de modo a apresentar respostas para as perguntas colocadas na Introdução deste trabalho. Começamos a análise, mostrando que a restrição flexional que afeta o verbo *ter* poderia ser explicada recorrendo à noção de aspecto: os três únicos tempos em que *ter* aparece flexionado na construção *ter pra mim* (presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo) compartilham o valor imperfectivo. Em relação à estrutura argumental do verbo *ter*, mostramos que esse verbo

seleciona três argumentos: sendo um argumento externo (representado por um pronome de 1ª pessoa do singular), um dois argumentos internos, sendo um deles um complemento oracional finito introduzido pelo complementador *que* e o outro o PP experienciador [*pra mim*]. Finalmente, fizemos uma comparação entre algumas características da construção *ter pra mim* e a construção *me parece / parece-me*, apontando convergências e divergências sintáticas e semânticas entre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho foi o de desenvolver uma análise das características sintáticas e semânticas da construção *ter pra mim* no português brasileiro. Para isso, primeiramente, fizemos testes de gramaticalidade com falantes que usam essa construção e, a partir desses testes, apresentamos uma descrição das suas propriedades sintáticas e semânticas.

O primeiro aspecto a ser destacado é a interpretação da construção em exame. Ela veicula um ponto de vista ou uma crença do falante. Em outras palavras, quando usa a construção *ter pra mim*, o falante exprime uma crença que, para ele, é verdadeira. Essa informação foi muito importante para o desenvolvimento desta pesquisa, pois foi possível relacioná-la com três características da construção *ter pra mim*.

Em relação às restrições que afetam essa construção, vimos que há três restrições. A primeira é a de que ela só aceita como sujeito um pronome de 1ª pessoa do singular, o que reforça a ideia de que aquilo que se afirma é uma crença pessoal do falante. A segunda restrição relativa a essa construção tem a ver com a ordem fixa dos seus constituintes. A terceira restrição se refere às flexões do verbo *ter*, verbo esse que só aparece em três tempos verbais: presente do indicativo, no pretérito imperfeito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Nossa análise também buscou respostas para três perguntas:

- 1) Que semelhança existe entre os tempos verbais aceitáveis no verbo *ter*?
- 2) O constituinte [*pra mim*] é um argumento deste verbo? Se sim, qual o seu papel temático?
- 3) Quais as semelhanças e as diferenças que há entre a construção *ter pra mim* e a construção *me parece / parece-me*?

Para responder à primeira pergunta, baseamo-nos nos textos de Costa (2002) e Corôa (1985) sobre a categoria aspecto e chegamos à conclusão de que esses três tempos verbais têm em comum o caráter imperfectivo. O presente do indicativo, o pretérito imperfeito do

indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo se caracterizam por uma concomitância entre o momento do evento (ME) e o momento de referência (MR). Essa imperfectividade da construção foi consequência direta do fato de ela descrever um ponto de vista (uma crença). Quando alguém tem um ponto de vista, esse ponto de vista é tomado como algo que não tem um limite final definido.

Para responder às outras perguntas, baseamo-nos na Teoria de Princípios e Parâmetros (especialmente nas ideias de estrutura argumental e de papéis temáticos). Tratamos o verbo *ter* presente na construção *ter pra mim* como um núcleo lexical cuja estrutura argumental tem três argumentos: um argumento externo e dois argumentos internos. O argumento externo deve ser um pronome de 1ª pessoa do singular (referente àquele que apresenta o ponto de vista), um dos argumentos internos é um CP finito introduzido pelo complementador *que* (CP esse *que* é analisado como o ponto de vista em que o sujeito acredita) e o outro argumento interno é um PP [*pra mim*]. Sabendo, então, que o constituinte [*pra mim*] é um argumento do verbo *ter*, com base em Petersen (2016), propusemos que esse argumento, por trazer a noção de ponto de vista, recebe o papel temático de experienciador, algo que se relaciona com evidencialidade.

Por fim, fizemos uma comparação entre a construção *ter pra mim* e a construção *me parece / parece-me* e encontramos três semelhanças: a) essas construções veiculam um ponto de vista; b) elas exibem ordem fixa de seus constituintes e c) selecionam um argumento experienciador. Vimos também que elas apresentam diferenças: a) seu argumento experienciador não é o mesmo; b) apenas a construção *ter pra mim* seleciona argumento externo e c) o constituinte que veicula a crença do falante é realizado, na construção *ter pra mim*, unicamente como um CP finito, ao passo que, na construção *me parece / parece-me*, ele pode se realizar de mais de uma forma.

Chegamos ao fim deste trabalho com algumas questões em aberto sobre a construção *ter pra mim*. Por que ela é uma construção fixa? Por que o verbo *ter* não indica posse? Por que ele não é um verbo auxiliar? Trata-se de questões maiores que ficam para serem investigadas em trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Publifolha. 2010.

BYBEE, Joan.; FLEISCHMAN, Suzanne. (Ed.). **Modality in Grammar and Discourse**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O Tempo nos Verbos do Português**. Uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília: Thesaurus, 1985.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O Aspecto em Português**. 3ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

MIOTO, Carlos. **Sintaxe do Português**. Florianópolis, 2009.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina Figueiredo & LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos. **Novo Manual de Sintaxe**. 3ª edição. Editora Insular. 2007.

PETERSEN, Maria Carolina de O A. **On Experiencers and Minimality**. Tese de Doutorado. College Park: University of Maryland, 2016.

SOUZA, Ana Cláudia de. “Pretérito Imperfeito do Subjuntivo? Formas verbais em *-sse* em contextos que veiculam a noção de posterioridade”. **Working Papers em Linguística**, n.5. 2001.

SOUZA, Cristiane Ramos de. **Animacidade e Papéis Temáticos: um estudo experimental**. Rio de Janeiro. 2015